



Relato De Experiência De Estágio Em Psicologia Na Área Da Inclusão E O Mercado De Trabalho Para Adultos Com Deficiências

Jhonattan de Farias Santana¹
Josias Alvares dos Santos
Regina Maria Machado²
Diego da Silva³

RESUMO: o presente artigo tem por objetivo o relato de experiência de estágio em Psicologia na área de inclusão e mercado de trabalho para adultos com deficiências. Para tanto foram realizadas visitas supervisionadas em uma instituição localizada na cidade de Curitiba, Paraná, Brasil que trabalha com o referido tema em destaque deste manuscrito. O objetivo da inclusão não é apagar as diferenças, mas sim permitir que todos os alunos pertençam a uma comunidade educacional que valida e valoriza a sua individualidade. Considera-se que ao observar os alunos de inclusão social, percebe-se o quanto essa questão não só é de extrema importância, como também, ainda há muito o que fazer em relação à evidentes melhorias no ensino e na sociedade. Pode-se observar mais de perto, e com um olhar mais emotivo e reflexivo, as reais necessidades que cada um desses alunos enfrenta, e o quanto é importante para eles conquistar seus objetivos da mesma forma que qualquer outra pessoa.

Palavras-chave: Inclusão; Mercado de Trabalho; Deficiências; Psicologia.

Received 03 July, 2022; Revised 13 July, 2022; Accepted 15 July, 2022 © The author(s) 2022.

Published with open access at www.questjournals.org

I. INTRODUÇÃO

Este relatório tem como objetivo trazer observações feitas em sala de aula, em uma escola para alunos de inclusão, onde aulas são lecionadas por professores qualificados por cursos específicos, com o intuito de inclui-los ao mercado de trabalho e também para proporcionar-lhes uma melhor interação na sociedade.

Alunos com deficiência física, surdos e autistas, serão analisados através de observações que foram feitas durante algumas aulas, no sentido de não só entender mais sobre a questão da inclusão social, mas também de poder acrescentar aos estudos da Psicologia, conhecimentos necessários para atuar nessa profissão.

De forma detalhada, em relação a alguns acontecimentos observados e analisados, serão mostrados com um olhar voltado para análises psicológicas, uma percepção mais humana na questão das dificuldades que essas pessoas enfrentam para viver em sociedade. Com isso, é esperado esclarecer as dúvidas de quem quiser entender um pouco mais sobre esses alunos, que cada vez mais se mostram motivados a conquistar um espaço mais adequado entre todos.

II. ALUNOS DE INCLUSÃO NO MEIO ESCOLAR: Alunos Surdos

Observei na sala de aula na instituição Universidade Livre para a Eficiência Humana -UNILEHU, a importância e a necessidade de uma pedagogia voltada para alunos de inclusão social. Em uma das disciplinas lecionadas, a professora fala sobre direitos humanos, e ensina o quanto é importante respeitar e ser respeitado dentro da sociedade.

¹Alunos do curso de Psicologia da Uniensino.

²Coordenadora do curso de Psicologia da Uniensino.

³Docente do curso de Psicologia da Uniensino.

Segundo Carvalho (1998), a estrutura de Ação da Declaração de Salamanca (1994), fala que as escolas teriam que “acomodar todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou qualquer outras” (MELLO, 2013, p.21).

Nesse sentido, constatei que alguns professores demonstravam um excelente preparo para lecionar em escola de inclusão, mas que ainda falta muito para alcançar melhores objetivos, devido a mais capacitações para que os mesmos consigam uma interação cada vez mais positiva com os alunos.

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994), o maior desafio da escola inclusiva é justamente relacionado ao desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança e capaz de educar a todos com ou sem deficiência, e acredita-se que é dentro do contexto inclusivo que eles podem alcançar um maior progresso educacional (MELLO, 2013, p.21).

Percebi o quanto significa para os alunos de inclusão, o fato de irem à escola, poder aprender igual a todos, e ainda desenvolver sua autonomia através das participações nas aulas, e o prazer pelo conhecimento que vão adquirindo a cada dia.

Segundo Sasaki (1999, p. 36) “o grau de autonomia resulta da relação entre o nível de prontidão físico-social do portador de deficiência e a realidade de um determinado ambiente físico-social”.

Sasaki (1999, p.36) entende como independência, “a faculdade de decidir sem depender de outras pessoas”. Mello (2013, p. 25, 26), afirma que “o grau de independência da pessoa com necessidade especial decorre da quantidade e da qualidade de informações que tiver disponível para tomar uma decisão, bem como da sua autodeterminação e/ ou prontidão para tal”.

Como um excelente exemplo, em uma das aulas, teve um momento que uma aluna surda derrubou sua garrafa de água no chão ao esbarrar o braço nela. Devido à sua deficiência não conseguiu perceber o que havia ocorrido, mas logo demais alunos a avisaram. Em seguida, ela se levantou, sorriu um pouco, saiu da sala e retornou com a pessoa responsável pela limpeza. Sem que a aula parasse, a funcionária secou o chão e a aluna naturalmente voltou a assistir a aula. Não houve qualquer forma de constrangimento sobre o pequeno “acidente”, e a própria aluna conseguiu lidar com o problema.

Outro aspecto interessante a se relatar sobre alunos surdos, foi a interação entre o instrutor de libras com os mesmos. Analisei que através dessa comunicação, conseguiam absorver bem o conteúdo e ainda interagir a respeito dos ensinamentos dados. “A relação entre crianças surdas e instrutora surda na escola é como desvendar de uma magia, depois ela vem carregada de emoção e satisfação”, comenta Fortunato (2013, p.116).

Em várias aulas que pude acompanhar, destacou-se a interação que os surdos têm com os outros com a mesma deficiência. Eles se comunicavam muito, e em geral sorrindo, mostrando afeição um pelo outro.

A escola para os surdos pressupõe um espaço no qual o surdo possa desenvolver habilidades, conviver com os surdos, se identificar com surdos, construindo, assim, sua própria cultura e identidade, longe dos olhares clínicos e concepções excludentes que permeiam a sociedade, afirma Fortunato (2013, p.122).

2.1. Respeito à individualidade

Em duas aulas de raciocínio lógico, percebi o grande interesse dos alunos com deficiência, onde vários deles interagiam com a professora respondendo questões e dando exemplos relacionados à disciplina. Cada um deles, dentre autistas, deficientes intelectuais e surdos, davam suas opiniões e tinham em troca a compreensão e respeito de todos, contribuindo para uma excelente integração. Por exemplo, um rapaz autista, respondia várias questões em voz alta, citava exemplos, e as vezes até criava melodias e cantarolava na sala alegrando a todos. Uma vez inclusive elogiou a professora e a disciplina abordada, dizendo que estava gostando muito daquela aula.

Segundo Stainback, East e Sapon-Shevin, (1994, p.489), “o objetivo da inclusão não é apagar as diferenças, mas sim permitir que todos os alunos pertençam a uma comunidade educacional que valida e valoriza a sua individualidade”.

De acordo com Aincow (1999), a ideia central do movimento de inclusão:

“Todos os alunos são únicos, com as suas experiências, interesses e atitudes e é a escola que se tem que adaptar aos seus alunos, para tirar partido da diversidade existente. A diferença surge como uma mais valia, como oportunidade de desenvolvimento”.

Em outro dia de estágio observei dois alunos com deficiência física que estavam presentes. O primeiro tinha dificuldades para andar, devido a uma deficiência nas pernas. Percebi que ele sentava em uma parte da sala, onde encontravam-se outros colegas, com quem aparentemente tinha bastante afinidade. Pude ver a maneira como se relacionavam, de forma harmônica, sorrindo muitas vezes e debatendo sobre as atividades dadas em sala, e as vezes sobre situações de suas vidas. Ao sair para o intervalo, notei que alguns amigos o acompanhavam para o lanche, andando um pouco mais devagar, respeitando sua deficiência e sua dificuldade para andar.

O segundo aluno que pude observar, apresentava deficiência na fala, entretanto, interagiu com a professora várias vezes, questionando sobre a aula que estava sendo dada, sem demonstrar nenhum tipo de

restrição ao falar sobre que pensava e também pra tirar suas dúvidas. E ainda, debatia com os colegas sobre o conteúdo.

Segundo o livro “Atendimento Educacional Especializado sobre Deficiência Física” Schirmer, et. al. (2007, p.17):

A criança com deficiência física não pode estar em um mundo à parte para desenvolver habilidades motoras. É preciso que ela receba os benefícios tecnológicos e de reabilitação em constante interação com o ambiente ao qual ela pertence. É muito mais significativo à criança desenvolver habilidades de fala se ela tem com quem se comunicar. Da mesma forma, é mais significativo desenvolver habilidade de andar se para ela está garantido o seu direito de ir e vir (SCHIRMER, et. al.,2007, p. 17).

Em seguida, outra reflexão existente nesse livro:

O ambiente escolar é para qualquer criança o espaço por natureza de interação de uns com os outros. É nesse espaço que nos vemos motivados a estabelecer comunicação, a sentir a necessidade de se locomover, entre outras habilidades que nos fazem pertencer ao gênero humano. O aprendizado de habilidades ganha muito mais sentido quando a criança está imersa em um ambiente compartilhado que permite o convívio e a participação. A inclusão escolar é a oportunidade para que de fato a criança com deficiência física não esteja à parte, realizando atividades meramente condicionadas e sem sentido (SCHIRMER, et. al.,2007, p. 17).

Em todas as aulas que tive a oportunidade de estar presente, notei a excelente interação entre os alunos e também com o professor. Os surdos que se encontravam em uma parte da sala, para facilitar a comunicação com o intérprete de libras, eram bastante participativos e se comunicavam muito com os outros com a mesma deficiência. Os demais alunos com deficiências intelectuais, autismo e física, por sua vez, pareciam bem motivados com as aulas e interagiam muito bem de uma forma geral.

Segundo alguns autores na área da Psicologia do Desenvolvimento:

Hartup (1989) aprofunda-se no estudo das interações sociais com pares, influenciado pelos paradigmas da cognição social (Piaget), aprendizagem social (Bandura) e as teorias sociogenéticas de Baldwin e Vigotsky. Esse autor sugere que toda criança necessita vivenciar dois tipos de relacionamentos: vertical e horizontal. O primeiro se caracteriza por relacionamentos complementares que envolvem apego a uma pessoa com maior poder social ou conhecimento, como os pais, a professora ou um irmão mais velho. Por outro lado, os relacionamentos horizontais são recíprocos e igualitários, pois envolvem companheiros da mesma idade, cujo poder social e comportamento mútuo se originam de um mesmo repertório de experiências. Esses dois tipos de relacionamento exercem funções diferentes para a criança e são necessários para o desenvolvimento de habilidades sociais efetivas. Enquanto a relação vertical proporciona segurança e proteção, cria modelos internos básicos e desenvolve habilidades sociais fundamentais, a relação horizontal desenvolve habilidades sociais que só podem ser experienciadas no relacionamento entre iguais: formas específicas de cooperação, competição e intimidade (Hartup, 1989, 1992).

Em relação à alunos com autismo, pude observar apenas um que se encontrava em uma das turmas. Percebi que era um menino de aproximadamente 20 anos, que ficava isolado dos demais e não demonstrava empatia. Entretanto, tinha uma boa relação com a professora, onde fazia perguntas e as vezes participava dando a sua opinião em relação às aulas. Notei que ele conversava apenas com dois alunos que sentavam próximo dele.

Segundo Baptista e Oliveira (2002):

Proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, subjacente ao conceito de competência social está a noção de que as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. Entretanto, esse processo requer respeito às singularidades de cada criança (BAPTISTA; OLIVEIRA, 2002).

Em todas as minhas observações, o que mais me chamou a atenção, foi a maneira em que todos os alunos, independente de suas deficiências, demonstravam-se animados com as aulas e interessados em aprender. Além disso, pude ver o quanto se mostravam felizes ao se relacionarem com os outros alunos com deficiência, e como essas relações pareciam ser muito importantes para eles. Em alguns dias, pude ver que reparavam em quem não havia ido para a aula e citavam os nomes para a professora, deixando claro como vêm um ao outro, como parte importante em sua turma. E isso me fez refletir, como devemos seguir esse exemplo de interação, e como devemos contribuir para que sejam melhor aceitos na sociedade. Acredito, que todos somos responsáveis por isso.

A escola de inclusão social, com certeza faz muita diferença em suas vidas, afirma Mantoan (2003, p. 20); Nossas ações educativas têm como eixos o convívio com as diferenças e a aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz sentido para o aluno, pois contempla sua subjetividade, embora construída no coletivo das salas de aula (MANTOAN, 2003, p. 20)

E ainda:

A inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno. O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais (MANTOAN, 2003, p. 20).

III. CONCLUSÃO

Ao observar os alunos de inclusão social, percebe-se o quanto essa questão não só é de extrema importância, como também, ainda há muito o que fazer em relação à evidentes melhorias no ensino ena sociedade.

Pode-se observar mais de perto, e com um olhar mais emotivo e reflexivo, as reais necessidades que cada um desses alunos enfrenta, e o quanto é importante para eles conquistar seus objetivos da mesma forma que qualquer outra pessoa.

Acredita-se que através de trabalhos como este e atitudes positivas e inovadoras, voltadas para uma melhoria para essas pessoas, que devido à atuação de psicólogos (as), pedagogos (as), professores e demais profissionais preocupados e motivados para a realização de um mesmo objetivo, teremos um avanço, ainda que passo a passo, para a conquista de uma melhor qualidade de vida para essa gente, que por sua vez, já tem feito sua parte em relação à não desistir daquilo que já lhe deveria existir por direito dentro de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- [1]. BAPTISTA, C. R.; OLIVEIRA, A. C. (2002). Lobos e médicos: primórdios na educação dos “diferentes”. In: C. R. BAPTISTA & C. A. BOSA (Orgs.). **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção** (pp. 93-109). Porto alegre: artmed.
- [2]. CAMARGO, S. P. H. E BOSA, C. A. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura**. UFRGS, Porto Alegre. *Psicologia & Sociedade*; 21 (1): 65-74, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000100008>. Acesso em 23 junho 2022.
- [3]. CARVALHO, R. E. **A nova LDB e a Educação Especial**. 2. ed. Rio de Janeiro, WBA, 1998.
- [4]. DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 26 junho 2022.
- [5]. FORTUNATO, E. P. Instrutor de Libras: desafio familiar, caminhada pessoal e experiência profissional. In: RODRIGUES, Z. A. L. (org.). **Paradigmas educacionais e a educação inclusiva: olhares sobre a diferença**. Curitiba: LedZe, 2013. p. 115-130.
- [6]. FREIRE, Sofia. **Um olhar sobre a inclusão**. FCUL-Departamento de Educação, Revista da Educação, Vol. XVI, nº 1, 2008, pp. 5 – 20. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5299>. Acesso 20 junho 2022.
- [7]. MELLO, A. F. G. Ressignificação da escola: eixos de suporte à efetivação da educação inclusiva. In: RODRIGUES, Z. A. L. (org.). **Paradigmas educacionais e a educação inclusiva: olhares sobre a diferença**. Curitiba: LedZe, 2013. p. 19-36.
- [8]. MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por que? E como fazer?** São Paulo, 1. ed. Moderna 2003. p. 20.
- [9]. SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro, WVA, 1999.
- [10]. SCHIRMER, Carolina R. et. al. **Atendimento Educacional Especializado: deficiência física**. São Paulo: MEC/SEESP 1, 130, 2007, p. 17.